

VON MARTIUS

1794 - 1868

BOTÂNICO alemão, dos mais eminentes, foi Carl Friedrich Philipp von Martius uma das figuras máximas da Geografia do Brasil, país a que dedicou a maior parte da sua atividade científica, não só no domínio da Botânica, mas também da Zoologia, da Etnografia, da Geologia, da História e, de um modo geral, da Geografia.

Natural da Baviera, tendo seguido o curso de Medicina, era Martius assistente do Jardim Botânico de Munich, quando foi enviado ao Brasil, em companhia de Johann Baptist von Spix, pela Real Academia de Ciências, com o fim de estudar a natureza do nosso país. Aproveitava-se a feliz oportunidade da vinda da Aquiducuesa Leopoldina d'Áustria, futura Imperatriz do Brasil, para organizar-se uma eficiente missão austríaca de sábios, aos quais se reuniam os dois bávaros.

Aquí chegado a 16 de julho de 1817, permaneceu no Brasil pouco menos de três anos, tendo realizado suas pesquisas e explorações em companhia de Spix. Após ter visitado São Paulo, percorreu Minas Gerais, Baía, Pernambuco, Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas, colhendo observações valiosíssimas e copioso material para estudos. Essa memorável viagem, tão rápida, foi necessária a Martius elementos para quase meio século de trabalhos sobre o nosso país. As observações gerais foram publicadas na famosa "Reise in Brasilien" ("Viagem pelo Brasil") por Spix e Martius obra que o consagra como um verdadeiro geógrafo, mesmo no sentido moderno da expressão. Nela não se limita Martius à parte descritiva, mas igualmente manifesta constante preocupação de explicar e correlacionar os fenômenos. Tendo Spix falecido em 1827, continuou Martius sozinho a obra, terminada em 1831.

Nomeado diretor do Jardim Botânico de Munich em 1832, renunciou mais tarde ao cargo, para dedicar o resto de sua vida ao preparo de obras sobre Botânica e Etnografia, sobretudo do Brasil. De sua enorme produção ressaltam os seguintes trabalhos:

- "História Natural das Palmeiras" (1823 - 1850),
- "As plantas e animais da América Tropical" (1831),
- "A natureza, as doenças, a medicina e os remédios dos primitivos habitantes do Brasil" (1844);
- "Glossários das línguas indígenas do Brasil" (1863);
- "Contribuições para a Etnografia e a Linguística da América, especialmente do Brasil" (1867)
- e muitos outros.

Sua obra mais célebre é, porém, a "Flora Brasiliensis", o maior monumento da Fitografia contemporânea, no dizer de A. J. de Sampaio, e também um dos mais notáveis resultados do espírito de cooperação e de continuidade. Consta de 40 volumes, publicados durante 66 anos (1840 - 1906) nos quais são descritas 22.767 espécies vegetais. Martius foi seu organizador e primeiro diretor, após sua morte (1868) sucedeu-lhe Eichler e, por falecimento deste (1887), assumiu Urban a direção, até o seu término. Nela trabalharam 65 colaboradores, de 9 nacionalidades diferentes, sendo aproveitadas as observações de 139 coletores de material, dos quais 26 brasileiros.

A obra é ainda um padão de glória para o Brasil, pois, a partir de 1852, foi subvencionada pelo Governo Imperial, subvenção mantida pelo Governo da República. Desde o referido ano de 1852, ajuntou Martius ao título da obra a seguinte frase: "Sublevat um populi brasiliensis liberalitate" (Publicado graças à liberalidade do povo brasileiro).

Além de sua contribuição para a Botânica, a Etnografia e a Geografia do Brasil, foi ainda Von Martius um grande conhecedor da nossa História. Sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, apresentou a essa agremiação em 1884, notável trabalho, mais tarde por ela premiado "Como se deve escrever a História do Brasil"; nessa dissertação oferece ele uma lista de livros, publicados a partir de 1495, de interesse para os nossos historiadores.

A nós, brasileiros, é grato salientar o grande amor que Martius dedicou à nossa pátria, amor que demonstrou, não só pelo interesse científico, mas também pela constante solicitude para com as cousas da nossa terra, conforme se pode observar em sua frequente correspondência com fiéis amigos brasileiros. Em carta datada de 18 de agosto de 1863 (portanto 43 anos depois de sua estada no Brasil), escrita em português e dirigida a Paulo Barbosa da Silva, destaca-se o seguinte trecho em que ele bem define os seus sentimentos em relação ao nosso país:

"eu nunca peço de meu coração a lembrança de V. Exa., do meu mais velho e mais fiel amigo, lá na minha segunda pátria. Esse, em verdade, é para mim o país ao qual por acontecimentos providenciais estou consagrando meus desvelos literários. Ainda alguns anos: depois dormirei no chão destas pacíficas montanhas; mas algumas pessoas do Brasil dirão:

moureu um alemão, um sábio e ativo lente,
trabalhou entre nós e amou a nossa gente."

Nota - O retrato aqui apresentado é cópia fiel do que aparece no 1º volume da "Historia Naturalis Palmarum", já com o lema: - "In palmis semper parens juventus; in palmis resurgo" (Nas palmeiras existe uma juventude sempre fecunda. No meio delas ressuscito).

Alguns anos mais tarde, por ocasião de sua festa jubilar, em 1864, foi cunhada a medalha, com a seguinte inscrição que confirma aquele lema: - "Palmarum patri dant lustra decem tibi palmam. In palmis resurges" (A ti pai das palmeiras, dez lustros dão a palma. Ressuscitarás nas palmeiras).

Por ocasião dos funerais de Martius, foram mais uma vez consagrados os laços que o unem à nossa flora, com uma tocante cerimônia simbólica em que seus amigos o acompanharam até o sepulcro, empunhando palmas verdes. O nome de Martius ficou assim perenemente ligado à natureza do Brasil, simbolizada pelas palmeiras, e assim sentencioso célebre naturalista: "Enquanto houver palmeiras, será lembrado o nome de Martius".

(As traduções dos lemas latinos foram feitas por gentileza do Sr. Padre Helder Câmara)



*In palmis semper parens juvenis,
in palmis resurgo*

Martins